

Plano de Governo: uma ferramenta indispensável

Em tempos de eleição, estamos sempre desconfiados. Há promessas fáceis e mirabolantes que são feitas pelos candidatos, sobretudo, os que concorrem aos cargos majoritários. Com certeza, podemos afirmar, que não existe melhor instrumento para avaliarmos o que será feito por cada um dos candidatos do que o Plano de Governo.

Os que não os têm: já sabemos que se referem a promessas infundadas e eleitoreiras, e um enorme desrespeito com a nossa inteligência.

Para os que apresentam esta ferramenta indispensável à análise de nós eleitores: precisamos avaliar minuciosamente vários aspectos.

Um deles, refere-se a abrangência das propostas, que devem ter o maior alcance possível e perspectivas de adaptações a realidades diferentes ou conjunturas inapropriadas, como o Cenário Internacional desfavorável por exemplo. Outro é a abrangência temática, a qual deve priorizar os mais diversos setores/segmentos de políticas públicas como as políticas sociais, econômicas, urbanísticas, de administração pública, etc. Somente desta forma, haverá impacto nas mais diversas atividades e no maior número possível de classes sociais.

Um outro fator preponderante é a indicação da origem dos recursos que irão viabilizar os projetos pretendidos. De nada adianta fazer propostas que não são factíveis, outra forma de tentar ludibriar a inteligência do eleitor. Essas, nunca serão feitas.

Também é preciso em cada uma das subpropostas (Desenvolvimento Econômico, Emprego, Turismo, Meio

Ambiente, Saúde, Segurança, Educação, etc), fazer o diagnóstico atual, descrever os objetivos a serem alcançados, traçar pontos de vulnerabilidade, e especificar as propostas factíveis de serem alcançadas com seus respectivos períodos de tempo. O tempo é fundamental, porque o candidato eleito terá um mandato finito, hoje, pelo período de quatro anos. Pode-se avançar muito ao longo desses quatro anos, mas é preciso cumprir etapas a cada ano de mandato de governo. E isto deve estar contemplado no Plano de Governo proposto, sob pena de não se alcançar os objetivos pretendidos por falta de planejamento.

É preciso ter referências de estudos anteriores ou experiências efetivas, mesmo que internacionais, para a maior parte das propostas contidas em um Plano de Governo. O diagnóstico de soluções a problemas a serem enfrentados deve ser muito bem fundamentado, sob o risco de se fazer um laboratório de testes nas economias nacionais e subnacionais. Como país subdesenvolvido, não podemos nos dar a esse luxo.

Hoje, o que vemos no cenário eleitoral nacional é um governante que busca o poder pelo poder, e não como uma forma de transformação da realidade social. Vide a completa falta de vários itens que descrevemos aqui. Outros candidatos à Presidência da República, e até a Governos Estaduais, nem sequer têm um Plano de Governo.

Precisamos sim, olhar não o candidato, mas as suas propostas e como elas afetarão a vida de cada um de nós. E a única estrutura de propostas que conhecemos hoje é o Plano de Governo - ferramenta indispensável ao exercício da democracia.